

*Bom-dia,
Senhor Mandela*

ZELDA LA GRANGE

*Bom-dia,
Senhor Mandela*

TEMAS E DEBATES

Círculo de Leitores

Nota da Autora

Em junho de 2013 Dali Tambo, filho do indefetível militante do Congresso Nacional Africano (ANC) Oliver Tambo, conduziu uma entrevista com o Presidente do Zimbabué, Robert Mugabe. Mugabe disse: «Nelson Mandela é demasiado santo. Foi bom de mais para com os brancos em detrimento dos negros no seu próprio país.» Alguns concordaram, mas outros protestaram. Até certo ponto creio que o homem tinha razão, podia muito bem ter-se essa perspetiva. E, no entanto, numa conversa com Richard Stengel, citada em *Conversations With Myself*, o próprio Madiba disse há muito tempo: «Vão sempre dizer que vejo um lado demasiado bom nas pessoas. Portanto é uma crítica que terei de tolerar e a que tenho tentado habituar-me porque, seja ou não assim, não deixa de ser proveitoso. É bom partir do princípio, agir com base no princípio de que [...] os outros são homens de integridade e honra [...] pois tendemos a atrair a integridade e a honra quando assim olhamos para aqueles com quem trabalhamos.»

Na entrevista a Mugabe senti-me, de certo modo, responsável por essa perceção de que ele seria demasiado bom para com os

brancos. De facto, ele foi bom para mim, mas quero acreditar que se sentia orgulhoso do modo como mudou a minha insignificante vida. Ele dizia muitas vezes que se mudarmos uma pessoa para melhor, cumprimos a nossa missão. Ele mudou não só a minha vida mas, também, milhões de outras. Fez muitíssimo mais do que esperamos de um ser humano e talvez por isso mereça, afinal, ser aclamado como um santo.

Numa outra conversa com Richard Stengel, Madiba afirmou: «O nosso dever é trabalhar com seres humanos enquanto seres humanos e não a pensar que eles são anjos. E, por conseguinte, depois de sabermos que um homem tem esta virtude e aquela fraqueza, trabalhamos com ele para solucionar essa fraqueza e procuramos ajudá-lo a ultrapassá-la. Não quero deixar-me assustar pelo facto de essa pessoa ter cometido certos erros e apresentar fragilidades humanas. Não posso permitir-me ser influenciado por isso. E é por essa razão que muita gente me critica.»

Tento não pensar «Porquê eu?» para compreender por que razão Nelson Mandela me escolheu. Se penso, lembro-me das citações mencionadas. Ao longo dos 19 anos que passámos juntos ele percebeu quais eram os meus pontos fracos e quais eram os meus pontos fortes e investiu nos fortes para me tornar a pessoa que sou hoje.

Estive ao seu serviço durante quase 20 anos e fui a sua secretária até ele nos deixar a 5 de dezembro de 2013. Em 2009 decidi começar a escrever este livro para lhe prestar homenagem. Queria sobretudo registar as minhas experiências, na esperança de que a minha história pudesse mudar e influenciar também outros. O meu livro é, pois, um tributo a Khulu tal como o conheci.

Isto não é a história dele. Isto é a minha história e estou satisfeita com ela. Mas os leitores podem ficar dececionados se esperam que eu me ponha a lavar roupa suja em público. Não trairia a confiança que Nelson Mandela depositou em mim. Essa é a maior honra que ele me podia ter concedido – confiar em mim – e tenciono merecê-la até ao fim dos meus dias. O que

decidi contar e o que decidi omitir, no que lhe diz respeito, tem por base essa confiança. Este não é, portanto, um livro de confidências.

Também não é um livro com grandes revelações políticas ou uma dissecação temática da vida dele. É a história simples das minhas experiências com ele. Uma das lições mais importantes que aprendi com este grande homem pelos anos fora, reafirmada mais tarde pela sua mulher, Graça Machel, é que cada pessoa só pode confiar numa outra: ela própria. Temos de nos deitar à noite com os nossos próprios pensamentos e a nossa consciência e, depois de escrever este livro, preciso de sentir o conforto da consciência tranquila ao adormecer. Preciso de fazê-lo sentir-se orgulhoso porque, por mais que pareça que as nossas vidas foram ensombradas pelo negativismo e pela agitação nos últimos dois anos, há uma história maravilhosa para ser contada e tenho de admitir que faço parte dessa história e que é meu dever contá-la. Acima de tudo, preciso de saber no fundo do meu coração que se ele tivesse lido esta história estaria contente com o que descrevi e concordaria com os pormenores e, como 16 dos últimos 19 anos foram passados com ele dia após dia, sei o que ele não se importaria e importaria de ver no domínio público, e é isso que me cabe proteger.

O livro é, pois, uma coletânea de pequenas histórias, por vezes em meu desfavor, de um caminho bem percorrido. Não há lamentos, apenas lições a aprender. Sou uma multimilionária emocional e se nada de extraordinário me acontecer até ao fim da vida, as minhas memórias bastarão para me sentir satisfeita no dia em que morrer. Tive uma vida rica. A maioria das pessoas não poderá viver aquilo que presenciei e a minha história é, assim, uma história de mudança, de lentas metamorfoses na minha mente e no meu sistema de crenças que me levaram ao que sou hoje. Terá de ser o leitor a decidir se há alguma parte com que se identifica ou alguma lição a aprender com a minha história. Não me cabe a mim essa decisão.

Seria também incorreto partir do princípio de que eu fui a única, ou de que fui uma pessoa especial, no círculo de Madiba. Desempenhei um determinado papel na sua vida, de uma maneira geral relacionado com a vida pública. Mas há muito mais gente, pessoal doméstico, administrativo, seguranças e pessoal médico, que desempenhou funções igualmente importantes na vida dele e de quem ele dependia em absoluto. Alguns figuram na minha história mas era-me impossível prestar homenagem a cada um deles separadamente.

Tentei sempre fazer o meu melhor e isso é o que de melhor tenho para oferecer. Espero dar um contributo, ainda que pequeno, ao legado de Nelson Mandela partilhando os privilégios e as experiências que vivi com quem queira conhecê-los. Se conseguir influenciar uma vida que seja com a minha história, dou a minha missão por cumprida.

Sentir-me-ei sempre grata e em dívida...

Prólogo: Zeldina

Estávamos no início da década de 2000. Eu tinha trinta e tal anos. À porta do nosso gabinete em Joanesburgo eu aguardava, como de costume, a chegada de Nelson Mandela, para recebê-lo, acompanhá-lo ao seu gabinete e informá-lo sobre a agenda do dia. Sempre que via o carro dele aparecer à esquina, o meu rosto iluminava-se, por maior que fosse a pressão sob a qual me encontrasse. O sorriso desenhado no meu rosto era um sorriso cheio de amor e admiração, como o que esboçamos ao ver os nossos queridos avós. O carro dele parou e os guarda-costas apareceram. Cumprimentámo-nos e trocámos alguns gracejos antes de eles abrirem as sólidas portas do carro para Madiba sair. Madiba é o nome do clã de Mandela na África do Sul. É também o termo que as pessoas usam para a ele se referirem de forma carinhosa. Alguns chamam-lhe *Tata*, que significa «pai», mas a maioria das pessoas trata-o por Madiba. Eu chamo-lhe Khulu, uma versão abreviada de *Tata um'khulu*, que significa «avô».

Enquanto ele saía do carro, os nossos olhares cruzaram-se. Exclamei: «Bom-dia, Khulu.» Ele tratava-me por Zeldina. Entregaram-lhe a bengala para ele se apoiar ao sair do carro. A bengala era de marfim, um presente do seu bom amigo Douw Steyn. Ele não ligava muito a objetos materiais, mas a bengala era um dos poucos que valorizava e protegia na sua vida.

«Bom-dia, Zeldina», disse ao sair do carro. O seu rosto animou-se com o habitual sorriso embora eu detetasse alguma reserva. Depois de os guarda-costas o verem firmemente de pé, entregaram-mo. Ele apoiou-se na bengala e agarrou-se ao meu braço com a mão esquerda.

«Como se sente esta manhã, Khulu?», perguntei.

«Estou ótimo, Zeldina», respondeu, mas não me falou como de costume, não me perguntou se eu estava bem. Era outro sinal de que alguma coisa o inquietava. Enquanto nos dirigíamos ao gabinete dele pensei dar-lhe uns minutos para ele pôr os pensamentos em ordem antes de eu começar a bombardeá-lo com informações sobre o dia. Mal a porta do gabinete se fechou, ele teve um desabafo.

«Sabe, Zeldina, ontem à noite tive um sonho.»

Respondi com um «Sim?».

«Sonhei que me tinha deixado, abandonado...», respondeu.

Fiquei sem palavras. Eu? Zelda la Grange? Abandonar Nelson Mandela? Como é que lhe podia sequer passar pela cabeça ser eu capaz de uma coisa dessas? Na altura estava ao seu serviço havia quase 10 anos. Porque teria ele pensado que eu podia abandoná-lo? Pelo contrário, por causa dos primeiros anos da minha infância, eu é que temia o abandono. Tive de tranquilizá-lo. Pousei a minha mão esquerda na mão com que ele agarra-va o meu braço e disse: «Khulu, nunca na vida faria uma coisa dessas e por favor nunca mais pense nisso. Posso garantir-lhe que nunca hei de abandoná-lo.» E depois acrescentei, num tom mais ligeiro: «Em todo o caso, penso que me vai abandonar ou mandar embora antes de eu o abandonar a si.»

Ele olhou para mim, riu bem-disposto, franziu a testa e depois respondeu: «Nunca farei tal coisa.»

Era assim calorosa a nossa relação. Precisávamos de reafirmações mútuas. Olhávamos um pelo outro. Aprendi a amar este homem que em tempos tinha sido inimigo do meu povo. Ele simbolizava o medo aos nossos olhos. Nós, que crescemos na África do Sul do *apartheid* como africânderes brancos, havíamos passado a vida a oprimir o mesmo povo que Nelson Mandela representava. Ele era a voz dos oprimidos e da luta pela libertação. Menos de 15 anos após a sua saída da prisão, ali estava eu a tentar explicar e defender o meu compromisso com o homem que em tempos desprezâramos.

O *apartheid* foi o sistema introduzido pelo Governo branco da África do Sul nos anos 40. Advogava a supremacia branca e a repressão dos negros, e consistia num conjunto claro de legislação que assegurava a separação e segregação de brancos e negros na África do Sul. As leis do *apartheid* foram aplicadas em igrejas e escolas, em praias e restaurantes, bem como em quaisquer áreas onde a minoria branca pudesse sentir-se intimidada com a presença de negros.

Contudo, caminhei ao lado de Nelson Mandela durante a maior parte da minha vida adulta profissional – cada um de nós apoiando-se no outro. Eu era uma jovem africânder cujas opiniões e mentalidade foram modificadas pelo maior estadista do nosso tempo. No entanto, para mim ele representou mais do que a minha consciência moral. Eu aprendera a interessar-me por ele, porque ele se interessava por mim. Ele moldou e alterou a minha maneira de pensar porque para ele empregar uma jovem branca de língua africânder como sua secretária era uma coisa não só improvável como, também, inédita.